

**RAÍZES DA ESCOLA DE FRANKFURT:
UMA REFLEXÃO SOBRE OS
ASPECTOS DA TEORIA CRÍTICA**

*Pietro Nardella Dellova*¹

*Lilian Cardilli*²

RESUMO: A leitura marxiana do mundo não é exatamente uma leitura marxista. O método científico adotado por Marx não é a mesma coisa que o stalinismo. Por isso mesmo, a Escola de Frankfurt terá uma grande influência no estudo das teorias críticas durante o século XX e, sobretudo, agora no estranho século XXI

¹ Pietro Nardella-Dellova é Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense, UFF; é Doutor em Ciência da Religião pela PUC/SP; é Mestre em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, USP; é Mestre em Ciência da Religião pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC/SP; é Pós-graduado em Direito Civil e Processo Civil pela Faculdade de Direito de SBC; é Pós-graduado em Literatura pela Faculdade de Letras da UniMarco; é Formado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Franciscana, e é Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito SBC. É membro efetivo da Comissão de Direito e Liberdade Religiosa da OAB/SP – São Paulo; Membro da Comissão de Notáveis da OAB/BC, Balneário de Camboriú, Santa Catarina; Membro da “*Accademia Napoletana per la Cultura di Napoli*”, Nápoles, Itália; Associado ao Grupo Martin Buber, de Roma, para o Diálogo entre Israelenses e Palestinos; Associado à Resistência Democrática Judaica (grupo judaico para defesa da Democracia). É Autor de vários livros, artigos e pareceres jurídicos; é Poeta, com vários livros de Poesia publicados, e membro da UBE – União

PALAVRA-CHAVE: Marx, Frankfurt, Teorias críticas, marxismo x marxiano, decadência stalinista

ABSTRACT: The Marxian reading of the world is not exactly a Marxist reading. The scientific method adopted by Marx is not the same as Stalinism. For this reason, the Frankfurt School will have a great influence on the study of critical theories during the 20th century and, above all, now in the strange 21st century.

KEYWORDS: Marx, Frankfurt, Critical theories, Marxism x Marxian, Stalinist decadence

Parte I - Referência Marxista: Marx, Marxismo e outros Ismos

Brasileira de Escritores. Em 2011 criou o Grupo de Estudos e Pesquisas NUDAR – Teorias Críticas Aplicadas ao Direito Civil. É Pesquisador e Co-coordenador do Grupo de Estudos do Programa de Pós-graduação, *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado), em Educação da CNPq/USF. É Professor, desde 1990, de Literatura, Direito Civil, Filosofia, Direito Processual Civil e Direitos Humanos em vários cursos (graduação e pós-graduação), entre os quais, Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Direito Padre Anchieta, ESA – Escola Superior da Advocacia, Direito UNIMEP, EMERJ – Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro. Atuou como Professor visitante (2011-2013) na Faculdade de Direito da USP, abordando o tema “Direito Romano, Direito Civil e Direito Hebraico Comparados”. É Pesquisador bolsista CAPES/FUNDASP no Programa de Estudos Pós-graduados da PUC/SP, abordando o tema “Direito, Direitos Humanos e Judaísmo”. Atualmente também desenvolve estudos e pesquisas em *New York, USA*.

² Graduada e pós-graduada em Direito. Consultora internacional de cidadania italiana e portuguesa;

Em que pesem os grandes debates, especialmente, no que respeita à obra de Marx³, é inegável que seu trabalho inaugura um comportamento científico crítico⁴ no ocidente. Poderíamos dizer que Marx ensinou o ocidente a pensar de forma crítica, incluindo, lógico, as análises econômicas.

Não é sem razão que toda a obra de Marx está sendo revisitada nos últimos anos, em especial, após 2008, com a grande crise financeira. Tal revisitação e redescoberta é, sobretudo, ponto programático de vários grupos estadunidenses e europeus. Na Itália, regiões específicas, como *Milano e Napoli*, reinvestigam a obra de Marx, na tentativa de se redescobrir algum aspecto que, na nuvem ideológica, ficou perdido no caminho e que mereça apreciação.

Mas embora a obra de Marx, grandiosa metodologicamente em si mesma, esteja no final do século XIX, (*com o peso que ganhou em face dos debates com os anarquistas, em especial, Bakunin⁵ que, aliás, foi, não apenas o responsável, mas o primeiro a traduzir a obra*

de Marx para o russo), apenas com o advento da Revolução Russa, em 1917, ganhou maior amplitude e criou expectativas que cruzariam o século XX (*mesmo depois da queda do muro de Berlin, pois o que se desmantela ali é a União Soviética e, digamos, um marxismo stalinista, não o socialismo ou a análise feita do mundo econômico capitalista*).

Ao contrário do que se pensa, foi exatamente depois da queda do Muro de Berlin que a leitura de Marx ganhou em dimensão e profundidade, vez que destacada da experiência soviética.

A Revolução russa e a constante construção do Estado soviético, ainda que pareça um acontecimento regionalizado, marcaram o desenvolvimento do pensamento marxista⁶ (e sua expectativa) na contemporaneidade.

Por vezes, parece que tudo se simplifica em uma disputa entre forças bélicas destrutivas (guerra fria), mas o pós-Revolução deu o *start* para o desenvolvimento de uma teoria marxista multifacetada, da qual a Teoria Crítica é uma das vertentes.

³ Considerando que toda crítica contemporânea deve seu desenvolvimento ao marxismo. Coloco desta maneira, mas, novas leituras estão sendo feitas, como, por exemplo, nos Estados Unidos. Porém, é indubitável tratar-se, no contexto ocidental, de uma raiz marxista de pensamento crítico.

⁴ Estou pensando em um criticismo materialista;

⁵ Um dos anarquistas mais conhecidos pelo embate que teve diretamente com Marx, mas há

outros, inclusive que tiveram algum contato com Engels, por exemplo, Carlo Cafiero. E, depois deste, ainda Errico Malatesta, entre outros.

⁶ Há quem faça, e com razão, uma diferenciação entre teoria marxista e teoria marxiana; sendo esta a do próprio Marx, e aquela, dos seus leitores e estudiosos – nem sempre coerentes.

O centro desta teoria marxista, o seu verdadeiro núcleo de crítica contemporânea, não se dá apenas à sociedade capitalista e, de resto, ao próprio capitalismo, mas à sociedade de massa. É nesta crítica à sociedade capitalista que se cria a força para a teorização crítica, de consumo, de massa, cultural, estética e, finalmente, de um Estado mais que capitalista: Estado financeiro ou simplesmente Estado bancário!

Outro aspecto importante, é que a teoria marxista, enquanto uma teoria crítica, não repercutiu apenas sobre a Economia, mas também, nas áreas da Filosofia, Economia, Educação e Cultura. Há, também, um desdobramento epistemológico, isto é, um desenvolvimento epistemológico com repercussão em várias áreas.⁷

Por outro lado, no cenário da Política, a teoria marxista, evoluindo e chegando à Teoria Crítica, fez frente⁸ ao processo embrutecido das economias capitalistas de direita que entraram em decadência, a saber: o Fascismo (italiano) e o Nazismo (alemão).⁹

E, enquanto raiz crítica e razão da mais propriamente chamada Teoria Crítica, permitiu,

também, uma análise mais detalhada de um dos fenômenos marcantes da primeira metade do século XX, ou seja, o antissemitismo.¹⁰

Após a Revolução russa é possível ver a obra marxista (talvez, seja melhor dizer, marxiana), sair do plano teórico, enquanto uma teoria fazer nascerem outras teorias, entre as quais, a crítica e, também, pela própria revolução russa e, outras, entre as quais a chinesa e a cubana, orientar um senso prático. Em outras palavras, um nexo entre Teoria e Práxis ou, um nexo entre o desenvolvimento do pensamento científico e o movimento revolucionário.

Mesmo não operando uma revolução, repercutiu na maior parte dos países ocidentais no campo operário, redesenhando as relações entre empregadores e empregados e, em especial, sustentando um discurso sindical (não o anarquista), como o que se verificou no Brasil, sobretudo, a partir dos anos 70, mas com impacto nos anos 80 e 90.¹¹

Ainda no campo revolucionário, a Revolução russa era vista como o passo inicial de transformação do mundo capitalista, começando por países como Alemanha e Itália.

⁷ Conforme Nicolao Merker. *STORIA DELLA FILOSOFIA*. Roma: Riuniti Editori, 1982, p 325;

⁸ Aqui não me refiro de modo algum ao stalinismo que teve, em si mesmo, muito pouco de marxismo e nada de marxiano.

⁹ Bárbara Freitag. *A TEORIA CRÍTICA: ONTEM E HOJE*. SP: Brasiliense, 1986, pág. 19;

¹⁰ Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. *DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO: FRAGMENTOS FILOSÓFICOS*. RJ: Zahar, 1985, pags 139 e ss;

¹¹ Bem significativo o filme **Eles Não Usam Black-Tie**, com Gianfrancesco Guarnieri e Fernanda Montenegro, acerca dos movimentos operários paulistas.

Aliás, neste último, como um centro de efervescência política. Basta que sejam citados Palmiro Togliatti e Antonio Gramsci, além da reconhecida posição do PCI, como o maior Partido Comunista ocidental!

Mas o processo determinado pelo marxismo, ou seja, o processo crítico abriu caminho para a crítica interna. É o que se vê, por exemplo, com Trotskij (Lev Davidovic Bronstein – 1879-1940) e Rosa Luxemburgo e, em certa medida, o próprio Antonio Gramsci.¹² Não vejo com surpresa o movimento crítico interno, já que a força do marxismo, enquanto teoria, reside no fato intelectual de propiciar ambiente aberto para a análise mais vertical.

Mas, se por um lado, o movimento revolucionário russo operou alguns efeitos, como no caso da China e de Cuba, não obstante, houve uma reação estadunidense fortíssima, bem como a dos países objetivados pelos revolucionários, especialmente, Alemanha e Itália. Este respondeu com Fascismo, aquele, com Nazismo. No continente americano, com acirramento das forças conservadoras e o estabelecimento, sob inspiração estadunidense, de ditaduras, entre as quais, Argentina, Chile e Brasil.

Se, contudo, no âmbito político, o processo revolucionário foi obstaculizado, não obstante, no campo cultural encontrou

amplitude e pleno desenvolvimento. Por exemplo, no cinema, nas artes, na música, na literatura etc.

De qualquer forma, o que queremos realmente dizer é que o pensamento de Marx apareceu, em várias áreas, muito mais forte, após 1917, abrindo caminho para múltiplas correntes, entre aquelas já citadas (Trotskij e Rosa Luxemburgo). Tais e quais as variações que, em alguns casos, o que seria marxiano, transformou-se em marxismo e, daí, outra coisa, por exemplo, stalinismo (sua pior expressão).

Na União Soviética, por exemplo, o marxismo foi recebendo um peso doutrinário, orgânico, sistemático, “escolástico”, dos meios oficiais que começa com a subida de Stalin ao “poder”, e dura por anos.¹³ Um dos exemplos desta sistematização soviética são “Os Fundamentos da Filosofia Marxista, de 1959, sob os cuidados de um grupo de estudiosos do Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da, então, URSS.

Dentro (e a partir) do sistema marxista de inspiração pós-Stalin, especialmente, nos anos 50, o marxismo é concebido como uma doutrina integral e completa, formada a partir de um tripé indivisível: filosofia, economia política e a teoria do socialismo científico. Mas o marxismo tem como fundamento ele mesmo, o materialismo histórico e dialético, sendo esses,

¹² Nicolao Merker. *STORIA DELLA FILOSOFIA*. Roma, Riuniti, 1982, p 335;

¹³ Mario Dal Pra. *STORIA DELLA FILOSOFIA*. V III. Firenze: La Nuova Itália, 1984, p 403;

também, as estratégias da práxis comunista e partidária.

O materialismo dialético é o reconhecimento objetivo da existência da matéria e de seu constante movimento modificador. O materialismo histórico, por sua vez, diz respeito às leis gerais dos desenvolvimentos das sociedades humanas e de sua história. O mundo existe objetivamente, independentemente da consciência, sendo os homens parte da natureza, na qual refletem a sua consciência.

Por dialética, entendemos a doutrina especialmente revolucionária, já que parte da afirmação de que tudo está em constante movimento transformador (devir de Heráclito) em senso evolutivo, portanto, tudo vai sendo transformado para o “melhor” e, portanto, qualquer decadência ou fenômeno decadente, vai sendo superado pelo processo dialético.

Sendo a sociedade humana parte do mundo material, todas as leis dialéticas aplicam-se a estas sociedades, porém, de modo diferente. Pois, no mundo natural, há um processo constante e irresistível. Existe uma história da natureza e uma história da sociedade humana. Daí que, o materialismo dialético é a filosofia por excelência, com raízes na ciência contemporânea, e atua como um processo de integração entre as várias ciências que estudam

a natureza e aquelas que estudam a sociedade e seu desenvolvimento.

Tal é o ponto do materialismo dialético e sua base diferencial, entre a apreensão do mundo natural e do mundo social que, conforme *Mao Tse Tung*, do partido comunista chinês, mesmo quando há uma percepção equivocada ou errada do processo dialético, que resulta em programas e teorias igualmente erradas (ele cita o caso de Trotskij e o confronto com Lênin e Stalin) deve haver uma revisão e uma correção no tipo de abordagem, a fim de não permitir o erro no processo dialético (especialmente o social).¹⁴ Obviamente, no caso chinês, o marxismo encontrou um ponto de contato com a tradição e filosofia chinesas. Daí o posicionamento revisionista de Mao. Assim como podemos falar de um marxismo stalinista, poderemos, também, falar em um maoísmo (de caráter chinês).

Apesar das variações do marxismo pós-revolucionário, parece manter-se, em supremacia, a visão de Stalin e, daí, o stalinismo. Pois é exatamente a concepção stalinista que invalida a relação dialética entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais, porque, segundo esta visão majoritária (e impositiva) o socialismo é identificado com a expansão quantitativa das forças produtivas, especialmente, no que

¹⁴ Mao Tse Tung. CINCO TESIS FILOSOFICAS. Pekin: Ed e policiones en Lenguas Extranjeras. 1971, p 90

respeita à industrialização. Enquanto isso, o objetivo de emancipação social e política fica relegado a um plano inferior.

No stalinismo, há muito mais de contingente e menos, bem menos, de análise histórica e social, por isso mesmo, o desenvolvimento da ciência e da filosofia, bem como a compreensão da sociedade, sob a visão stalinista termina por separar a história da ciência. A sistematização transforma o marxismo (ou, seria melhor dizer, impõe o stalinismo sobre o marxismo). De qualquer maneira, a sistematização faz com que o materialismo dialético se converta em uma concepção do mundo (ou o mundo é reduzido à concepção dialético-materialista), criando um tipo de norma (ou dogma) universal, absorvendo o materialismo histórico e valendo-se da ciência em função epistemológica de uma verdade (a stalinista).

O stalinismo acaba por criar mecanismos e sistemas voltados para si, desprezando a análise histórica e política, de Trotskij, por exemplo, de atualizar a verificação do capitalismo, aliás, nada mais normal, já que o marxismo nasce no contexto (e em função) do capitalismo. Por isso mesmo, o debate interno no marxismo, sob Stalin, perde na qualidade cultural, inclusive no que respeita às vanguardas poéticas, literárias e artísticas, pondo em ruínas exatamente essa relação, ou seja, a cultura e a

política, a arte e a revolução comunista, conforme denuncia o próprio Trotskij em um texto chamado “Literatura e Revolução”, de 1923, conforme esclarece Merker.¹⁵

Por outro lado, desenvolve-se na Itália um intenso (e dificultado) trabalho teórico (ou intelectual) de Gramsci, sempre em uma perspectiva pós-evolucionária, ponto de partida da nossa reflexão para compreendermos a teoria crítica.

Gramsci entra no debate, isto é, oferece o debate a partir de um texto: *La Rivoluzione contro Il Capitale*, de 1917, posicionando-se, desde logo, contra a interpretação positiva do marxismo, já que a considera imobilizante. Destaca-se neste primeiro trabalho gramsciano sua simpatia pelas revoluções das massas, bem como pelo caráter subjetivo das mudanças.

Gramsci, a partir da experiência soviética e da realidade italiana, concentra-se no fenômeno social, sobretudo com seus escritos no jornal “*l’Ordine Nuovo*”. A crise do Estado burguês faz-se, segundo ele, mais forte no ambiente social. Poderíamos dizer que ele percebe que nos movimentos operários, de fábrica, especialmente, nos conselhos do proletário, há uma aproximação com os cidadãos massificados, podendo permitir estabelecimento de um Estado proletário, a fim de substituir e fazer desaparecer o sistema capitalista e burguês de produção.

¹⁵ Nicolao Merker Op. Cit. p 329;

Nos primeiros anos da produção intelectual (ou teórica) de Gramsci, faltam dois temas centrais dos debates marxistas, sendo um deles o problema do partido político do proletariado como lugar da convergência de questões basilares relativas à ciência, à consciência de classe e à luta de classe, problema que já tinha sido apresentado, em tom crítico, por Rosa Luxemburgo. O segundo problema referia-se às formas políticas, seus valores e sua natureza, porque se via uma premissa de política universal, das estruturas institucionais e jurídicas, sem devida solução, mesmo em Marx e Engels.¹⁶

Nos primeiros anos de Gramsci, faltam estas duas temáticas, mas que, mais tarde, em plena luta no próprio partido (o PCI) e no avanço fascista, retoma-as com profundidade, especialmente após a primeira guerra. Porém, preso pelos fascistas, Gramsci morre em 1937 e deixa um trabalho incompleto, isto é, *Alcuni Temi della Quistione Meridionale*, no qual faz uma análise especialmente clara sobre o sul italiano em face das propostas marxistas, rompendo com a visão universal e atendendo às questões regionais e específicas (no caso, o sul italiano, antigo Reino das Duas Sicílias e absorvido, bem como massacrado, pelas forças do norte, sob Giuseppe Garibaldi).

Neste trabalho, incompleto, em que Gramsci lança o olhar atento e analítico sobre

uma determinada região, revelando a incapacidade do marxismo stalinista de lidar com questões regionais, desenvolve um trabalho com fundo no fenômeno intermediário, cultural, político e ideológico. Este trabalho consagra o que se chama “bloco histórico” e, pela primeira vez, surge o tema sobre o papel dos intelectuais na sociedade moderna.

Não apenas Gramsci, mas outros pensadores italianos de matriz marxista pensaram e repensaram o marxismo, entre os quais, Galvano Della Volpe, enquanto em outros cantões da Europa o debate e o desenvolvimento marxista continuavam a ganhar espaço. Entre os vários pensadores, podemos citar, embora este trabalho não nos permita avançar em sua obra, dado o caráter do presente texto, Lukács, Korsch, Bloch, Marcuse. Podemos dizer que, a Revolução russa (soviética) enquanto apontava para um fracasso estrutural, cuja expressão maior (de atraso) foi Stalin, permitiu, todavia, uma abertura para um marxismo e seu debate teórico de riqueza metodológica importantíssima para o pensamento cultural e filosófico do século XX e XXI.

Podemos dizer, ao menos olhando a história, que o marxismo, como dito acima, entra em um processo de *stalinização* (stalinismo como revisão do marxismo que não

¹⁶ Nicolao Merker. Op. Cit., p 326

permite outra visão, a não ser a do sistema soviético, absoluto e estrutural). Desde os anos 30 até, e inclusive, após a Segunda Guerra Mundial, o regime político imposto por Stalin se consolida e se estabiliza. É, como disse, um marxismo revisado e revestido de stalinismo, de expressão ditatorial personalíssima, impondo-se sobre o cidadão “soviético”. Stalin é, ao lado de Mussolini e Hitler, um “fascistoide”.

O regime político de Stalin é dogma, imposto a todos cuja completude se dá com a Constituição soviética de 1936, em função da qual ocorre, definitivamente, a identificação do partido com o Estado. O Estado é o partido. Mas, no plano internacional, a força da direita também se manifesta, absolutiza-se, impõe-se, expressivamente no nazismo e no fascismo.

Mas o período exige alguma reflexão, pois, se por um lado há uma “stalinização” soviética, com sistema dogmático, imposição e fortalecimento (fusão) do Estado como partido, por outro, e bem antes (quicá como causa), um distúrbio no mundo capitalista, com suas estruturas sendo minadas (veja-se a crise de 1929), com um crescente (e, também, antecipado) fortalecimento dos regimes de direita absoluta e, sobretudo, personalistas. A leitura e interpretação do capitalismo sofrem alguma fragilização no que respeita à política e à economia.

Porém, apesar deste momento histórico de forças absolutistas em grave confronto, surgem na Europa, então dividida entre, de um

lado, Stalin, e de outro, os nazifascistas, muitos intelectuais marxistas ou tendentes a uma leitura marxista do mundo. Em função dos intelectuais, os debates ganham substância, tanto em teoria quanto em arte. É o momento de grandes figuras (grandes em produção e em profundidade), tais como Bertolt Brecht. Todos de destacado peso internacional. Há uma manifestação cultural do encontro entre marxismo e arte ou, leitura estética do mundo.

Parte II - Contribuições da Escola de Frankfurt

No desenvolvimento do campo intelectual e artístico, como dito acima, com o aparecimento de figuras como Brecht, o marxismo ganha o fôlego da leitura estética, na dramaturgia, na poesia e na música, entre outras manifestações culturais. O marxismo mantém seu foco econômico e político, mas lembrando que sua leitura fica adstrita especialmente à União Soviética. Porém, além do foco econômico, serve de lastro, de base e material para a leitura crítica e estética do mundo.

Neste contexto, surge Walter Benjamin, um intelectual judeu-alemão que não tinha uma formação marxista, mas que desenvolveu uma obra crítica em relação (e a partir) do marxismo. Para ele, Benjamin, a revolução não contrapõe capitalismo e cultura, mas capitalismo e proletariado. Por isso

mesmo, um autor deve conceber-se como um produtor, tendo como luta primeira a mudança dos meios de produção cultural, sem jamais se esquecer de que uma postura revolucionária de caráter político inovador deve, sem nenhuma dúvida, coincidir com uma produção artística que inove, que transforme e atue sobre o social.

Benjamin, embora relacionado à cultura e literatura, produz, em meio às perseguições contra os judeus, sendo ele próprio, como dito acima, um judeu, um trabalho específico e crítico chamado: *Teses de Filosofia da História*, 1940, sobre o encontro (e semelhança) entre o espírito revolucionário do materialismo e o judaísmo.

No mesmo período, como lembrado acima, surgem muitos intelectuais, entre os quais o já mencionado Trotskij que, assim como Benjamin, era judeu. Vale mencionar algumas de suas obras, dado o caráter crítico, inclusive no que respeita ao stalinismo, à história e, também, à política: *A Revolução Permanente* (1931); *História da Revolução Russa* (1932); *O que é o nacional-socialismo?* (1933) e *A Revolução Traída* (1936).

Enquanto o stalinismo mantém o marxismo, relido e “reescrito”, no campo da política e do Estado, impondo-se fortemente, surgem os intelectuais aproximando o marxismo de uma leitura filosófica e cultural,

atualizando-o ou dele fazendo uso para interpretar a cultura contemporânea.

Surge, então, o grupo que será conhecido como Escola de Frankfurt, com sua contribuição inestimável. São vários os intelectuais, entre os quais Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Theodor W. Adorno que, aliás, fundam e dirigem um instituto na cidade de Frankfurt (daí seu nome): Instituto de Pesquisas Sociais, de caráter multifacetado.

A chamada Escola de Frankfurt, conforme explica Barbara Freitag, refere-se a um grupo de intelectuais (ainda que fora de Frankfurt) e a uma teoria social.¹⁷ Mas podemos dizer que é mais do que um grupo de intelectuais, ou seja, mais que os intelectuais que dirigem o instituto (ligado à Universidade), pois funcionou como um captador de outros tantos intelectuais, de diversas áreas, incluindo Walter Benjamin, com produção nas áreas da psicologia, economia, política e direito. É, de qualquer modo, uma Escola crítica.

Seus líderes (melhor dizendo, dirigentes) mudam-se de Frankfurt em face da perseguição nazista e acabam se instalando nos Estados Unidos. Não é necessário muito para entender a experiência deste grupo com o capitalismo estadunidense ou, melhor, a expressão máxima do capitalismo de então.

Se Stalin reinventa o marxismo (adulterando-o), dando-lhe um poder de ferro

¹⁷ Barbara Freitag. A TEORIA CRÍTICA: ONTEM E HOJE. SP: Brasiliense, 1986, p 9;

político e partidário, os intelectuais da Escola de Frankfurt o reinventam, ou dele se aproveitam, a partir do senso crítico que, em Marx, tem contornos fortíssimos, mas, ampliam sua área de atenção, especialmente, na sociologia e na psicologia. Aí aparece o encontro entre marxismo e psicologia na obra dos intelectuais Reich e Erich Fromm e, mesmo em Marcuse, com uma obra chamada *Eros e Civilização*, de 1955.

Como uma, digamos, coroa, para o pensamento “frankfortiano”, Adorno e Horkheimer escrevem “*Dialektik der Aufklärung*” *Dialética do Esclarecimento* (mal traduzida por “Dialética do Iluminismo”, conforme explica Guido Antônio de Almeida, professor de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro¹⁸), de 1947, de senso profundamente crítico, como esclarece os autores:

Quando começamos o trabalho (...) o que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie¹⁹

Adorno e Horkheimer escrevem, também, em conjunto, a sua *Dialética Negativa*, de 1966.

Embora, os intelectuais, especialmente, os da Escola de Frankfurt, tenham um encontro com o marxismo, sua teoria crítica e negativa da sociedade afasta desta o marxismo (talvez pela experiência estadunidense). Por outro lado, também, este distanciamento, ao menos no que pertence ao marxismo soviético, se expressa pelo seu caráter coletivista, unificador e universalista do movimento proletário internacional, tendo, então, o proletário como sujeito central, contra a busca da individualidade e da intelectualidade, que marca a filosofia crítica (da mesma sociedade).

Horkheimer e Adorno, especialmente este último, veem a sociedade com um pessimismo e negativismo total, como dito acima no trecho “... está se afundando em um novo gênero de barbárie” e que, sobretudo, se vale da técnica e da ciência para cada vez mais explorar a pessoa humana, enquanto os seres humanos, segundo eles, estão inclinados ao conformismo e ao coletivismo, levando à negação de cada pessoa singularmente considerada com tal igualdade repressiva e a quantidade desqualificada.²⁰ Há na modernidade uma submissão sem confrontação

¹⁸ Guido Antônio de Almeida, in “nota preliminar” à DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO de M. Horkheimer e T. W. Adorno. RJ: Zahar, 1985, pág. 7;

¹⁹ Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO. RJ: Zahar, 1985, pág. 11;

²⁰ Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. Op. Cit., p. 15.

e, no mais das vezes, ocorre apenas a repetição, levando a um estado de burrice coletiva.²¹

Para eles, a humanidade, presa a uma ciência positivista, recusando-se ao pensamento, à reflexão crítica, mais que reificando-se (coisificando-se), desfaz-se! A humanidade, nesse sentido, desfaz-se enquanto sujeito, aceitando (ou aderindo simplesmente) ao imediatismo não substancial.

Existe um espírito do mundo, mas que não é espírito. Segundo Adorno, a única possibilidade de salvação do mundo é por via da negação absoluta, da consciência crítica, da resistência contra tudo o que se impõe, tudo que é imposto. Neste sentido, o pensamento deveria resistir a tudo aquilo que aparece como aceitável ou contra tudo aquilo que se bate contra a liberdade do indivíduo.

Uma Visão Emancipatória a título de considerações finais

Um dos pontos fundamentais e interessantes, desde Marx, mas, como disse acima, a partir da experiência da Revolução soviética (não em si, mas, pelos desdobramentos no debate intelectual), pois permitiu uma abertura importante, não apenas para a crítica do capitalismo, da política e do Estado, mas, principalmente, para a crítica da sociedade capitalista ou simplesmente burguesa

e, sem dúvida, a produção crítica. O marxismo é menos um projeto político (o que já ficou histórica e suficientemente claro), e mais uma crítica à sociedade burguesa.

Pensar na crítica da sociedade burguesa permite um encontro com a realidade institucional (e realidade cotidiana) e não com um ente abstrato. A sociedade capitalista move-se em função de institutos que lhe permitem a manutenção. O Direito é um desses fenômenos especialmente fortes na sociedade burguesa.

É forte, sobretudo, porque enquanto expressão positivista, pretendeu-se servir como substituto ao jusnaturalismo. Neste caso, o dogma religioso; naquele, o dogma positivista.

Penso que o estado de pessimismo que invadiu Adorno e, como informa Freitag²², o retorno de Horkheimer à teologia, deve-se principalmente, pela frustração filosófica em face das propostas emancipatórias do iluminismo (preferimos, também, o termo “esclarecimento”). A razão parecia ter “vindo” para purificar o mundo, especialmente, de uma visão divorciada da realidade, com raízes profundas no ideário medieval.

Parece-nos que o chamado racionalismo, trazendo em sua tessitura ideológica qualquer coisa de objetividade, naturalismo, cientificismo, levou à construção e sedimentação do Estado poderoso, como são

²¹ Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. Op. Cit., p. 210.

²² Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. Op. Cit., pág 70 e ss ;

exemplos expressivos, os Estados fascistas e nazistas.

Em outras palavras, se o pensamento religioso, (inicialmente de caráter emancipatório, pois não é possível dizer o contrário se nos ativermos, por exemplo, aos costumes e vivência da comunidade primitiva, impropriamente chamada de “igreja primitiva”) tornou-se um monstro medieval e uma estrutura opressiva eclesiástica (vejam os tribunais inquisitórios católicos e a própria Inquisição, contra o qual se bateu o pensamento “revolucionário” burguês, apresentando um novo mundo, livre, igualitário, racional; todos se movimentarão a partir da lei e em função dela, por outro, o mesmo pensamento burguês, ainda que inaugure um novo tempo, desenvolve-se de modo a se tornar, também, um grande monstro, cuja expressão maior não poderia mesmo ser outra: Leviatã.

A Igreja (e o que representou) e o Leviatã (bem como o que representa), mormente se falarmos em seu papel contemporâneo, foram os inimigos naturais de Marx. Mas, ao contrário do que se poderia pensar em via emancipatória, vencida a igreja, já que “o ópio do povo, bem como seu espírito de submissão”, restava o Estado. Mas tornar o Estado, ou mudar o Estado, tirando-o das mãos e do poder burgueses e entregá-lo ao proletário, daria no que de fato deu, ou seja, já que o proletariado não pode governar – nem tem suficiente formação para tanto, criou-se a base

burocrática e, a fim de manter-se, a violência e imposição unidimensional (falamos sobre isso no que respeita ao stalinismo).

Em relação aos pensadores de Frankfurt, penso que a experiência destes nos Estados Unidos, lançados diante do mundo especialmente capitalista e com um índice de qualidade de vida altíssimo, bem como o atendimento às massas estadunidenses, mantendo, ainda que mereça alguma crítica, uma política democrática, em confronto com a Europa deixada atrás, tomada de fascismo e, sobretudo em seu ninho, de nazismo, com o acréscimo de uma visão (crítica) da presença soviética (stalinista), enfim, esse tripé socioeconômico e político: Estados Unidos x Alemanha x União Soviética, tenha dado o tom, o caráter e a dimensão daquele mencionado pessimismo.

Mas de tudo o que lemos e pesquisamos, bem como dos debates desenvolvidos em sala nas aulas de Teoria Sociológica, resta a certeza de que a “dialética” (e sua apreensão) é uma chave de leitura e compreensão do mundo (e das relações no mundo). Não apenas uma dialética histórica unidimensional, mas aquela (e aponto apenas a Sociologia do Cotidiano) bidimensional e, mormente, pluridimensional.

O que parecia emancipatório (e, realmente foi) dos grupos primitivos desta era comum, tornou-se (ou serviu de base) o monstro religioso. O que parecia emancipatório

(e realmente foi) da revolução burguesa tornou-se um monstro positivista, cuja expressão deformada (mas real) é o Estado capitalista e, pior, o Estado financeiro (não nos referimos aqui ao mundo privado liberal, mas à estatização do capitalismo, fenômeno que se verificou na tão criticada estatização do pensamento marxiano). O que parecia emancipatório (e realmente foi) na revolução soviética tornou-se, não muito tempo depois, o monstro stalinista. E por quê?

Porque não podemos perder de vista que tudo está em constante movimento transformador (devir). Não há como sustentar uma visão orgânica acabada da sociedade nem, muito menos, unidimensional. A sociedade não é feita de ideias, mas de realidades cotidianas, de pessoas que sentem e pensam diferentemente e que, principalmente, têm desejos e respostas aos seus desejos, diferentes uns dos outros.

Enxergar – e entender - o fenômeno humano já é, parece-me, um grande avanço.

Marx, embora não tenha sido o único, legou um modo de ver crítico ao nosso tempo. Independentemente da lógica interna do marxismo, não tem como desconsiderá-lo enquanto uma teoria crítica, inclusive para a crítica de estruturas, como a que se instalou durante anos na União Soviética, a que chamam muito apropriadamente “stalinismo”.

A teoria desenvolvida pelo grupo de Frankfurt, crítica por excelência, não se fecha naquele pessimismo dos seus primeiros pensadores, até porque os mesmos não tiveram mais tempo (vital) para continuar o processo crítico. Envelheceram. Seu legado serve, não temos nenhuma dúvida, para amparar o comportamento crítico. Veja-se a importante obra de Habermas, no qual não entramos aqui, dado o caráter deste trabalho. Mas, é inegável a grande contribuição que se deu às Ciências Sociais. Sem Frankfurt, do qual Habermas é herdeiro, conforme Freitag²³, seu trabalho restaria infrutífero. É lá, na Escola frankfurtiana, que Habermas bebe.

Ainda, no que respeita aos movimentos sociais e estudantis de 1968, conforme assinala Freitag, houve certo desconforto, digamos, uma crise entre os pensadores, especialmente, Adorno e Horkheimer e os Estudantes.²⁴ Estes incorporaram a teoria crítica; aqueles viram algum perigo neste processo. Porém não creio que faltasse aos primeiros pensadores de Frankfurt algum tipo de verticalização e compreensão do mundo de então.

Mas a experiência do mundo nazista e fascista, fizeram-no enxergar qualquer movimento descontrolado como força fascista e destrutiva. Não foi outra sua compreensão do movimento estudantil. Também, não foi outra a percepção de Marilena Chauí em face dos

²³ Barbara Freitag. Op. Citi., págs 105 e ss;

²⁴ Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. Op cit., pág 26;

movimentos populares (manifestações) de 2013, chamando-os de fascistas²⁵. A multidão assusta, especialmente no que respeita à multidão de estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução e notas de Guido Antonio de Almeida. RJ: Zahar, 1985;

ADORNO, Theodor W. **Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada**. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. SP: Ática, 1992;

BUBER, Martin. **Caminos de utopia**. Traducción de J. Rovira Armengol. México: Fondo de Cultura econômica, 1950;

CHOMSKY, Noam. **Notas sobre o anarquismo**. SP: Hedra, 2011;

DIAS BERENICE, Maria. **Diversidade sexual e direito homoafetivo**. SP: RT, 2011;

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica: ontem e hoje**. SP: Brasiliense, 1986;

GRAMSCI, Antonio. **L'ordine nuovo**. Milano: Giulio Einaudi Editore, 1954;

GRAMSCI, Antonio. **Letteratura e vita nazionale**. Milano: Giulio Einaudi, 1953;

GUIMARÃES, Juarez R. (org.). **Rosa, a vermelha: vida e obra da mulher que marcou a história da revolução no século xx**. SP: Editora Busca Vida, 1987;

MERKER, Nicolao. **Storia della filosofia: la società industriale moderna**. Roma: Riuniti, 1982;

NAPOLEONI, Claudio (cura). **La teoria dello sviluppo capitalistico**. Torino: Boringhieri Editore, 1970;

NARDELLA-DELLOVA, Pietro. **A crise sacrificial do direito: uma leitura do direito a partir do desejo mimético de Renè Girard**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação da Faculdade de Direito da USP, 2000;

NARDELLA-DELLOVA, Pietro. **A morte do poeta nos penhascos e outros (diálogos) monólogos**. São Paulo: Editora Scortecci, 2009;

NARDELLA-DELLOVA, Pietro *et alii*. **Antropologia jurídica: uma contribuição sob múltiplos olhares**. 2ª ed. SP: Scortecci Ed., 2018;

NARDELLA-DELLOVA, Pietro; BARROSO, Luís Roberto; PATI, Rosa, et alii. **Refugiados, imigrantes e igualdade dos povos**". SP: Quartier Latin Editora, 2017;

NARDELLA-DELLOVA, Pietro; CARVALHO, Salo; STRECK, Lenio Luiz, et alii. **Para além do direito alternativo e do garantismo jurídico**. RJ: Lumen Juris, 2016;

NARDELLA-DELLOVA, Pietro; GUERRA FILHO, Willis Santiago (org.), et alii. **Alternativas poético-políticas ao direito: a propósito das manifestações populares em junho de 2013 no Brasil**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2014;

PRA, Mario Dal. **Sommario di storia della filosofia: la filosofia contemporanea** Volume terzo. Firenze: La Nuova Itália, 1984;

²⁵ Não tenho o texto, mas ficou amplamente divulgado seu pensamento nos jornais

impressos. Foi, também, assunto de uma de nossas aulas na UFF;

PRA, Mario Dal. **Sommario di storia della filosofia: la filosofia moderna** Volume secondo. Firenze: La Nuova Itália, 1984;

RODI, Cesário. **Storia della filosofia: dal Rinascimento a Kant**. Firenze: Vallecchi Editore, 1951;

SCHILLING, Kurt. **História das ideias sociais**. Tradução de Fausto Guimarães. RJ: Zahar, 1966;

SPRIANO, Paolo. **Sotira del partito comunista italiano**. 8 volumi. Roma: Giulio Einaudí, 1967

TESTUNG, Mao. **Cinco tesis filosoficas de Pekin**: Editorial Del Pueblo, 1971;

WOLKMER, Antonio Carlos. **Introdução ao pensamento jurídico crítico**. SP: Academica, 1991;

ZAMORA, José Antonio. **Religião após o seu final: adorno versus Habermas**. Cadernos do IFAN, SP: Edusf, 1996.